



Vicente  
Melo:  
*Fragments*

*Vicente Melo:*  
*fragmentos*



*"A cultura como identidade,  
amparo, deleite e valor  
precisa ocupar o seu lugar."*

*Vicente Melo*

**José Huguenin**  
*(Organizador)*

**Vicente Melo:**  
**fragmentos**

1ª Edição

**Volta Redonda – RJ**  
**AVL**

**2022**

2022© Academia Volta-redondense de Letras

2022 © Vicente Melo

Foto da capa: Margareth Melo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Letras, Academia Volta-redondense de  
Vicente Melo: fragmentos / Academia Volta-redondense  
de Letras / Vicente Melo .-- 2022.  
44p. ; 21 cm  
ISBN: 978-65-993451-1-1

1. Coletânea de Poemas. 2. Coletânea de Prosa. I. Título.

CDD:808.81

---

Patrono: Manoel Bandeira

Presidente: José Huguenin

Vice-presidente: Lourildo Costa

Coordenação Editorial: Jean Carlos Gomes

## SUMÁRIO

Apresentação..... 7

José Huguenin

Notas biográficas.....12

Jean Carlos Gomes

Verso .....15

Prosa .....22

# APRESENTAÇÃO

Difícil começar a escrever essas palavras de apresentação desse livro de fragmentos da obra do Presidente Vicente Melo, um dos grandes nomes da construção cultural de Volta Redonda. Jornalista, escritor, foi presidente do GACEMSS, contribuiu para o teatro de toda região. Um combatente da ditadura Militar, teve papel importante na política da cidade. Um homem voltado às causas humanitárias, sociais e culturais.

Em 2012 foi eleito para cadeira 20 da Academia Volta-redondense de Letras (AVL). Exerceu diferentes funções até ser eleito presidente em 2019. Em 2018 foi homenageado pelo Conselho de Cultura do Município. Faleceu em julho de 2021, no meio de seu mandato, deixando um vazio imenso para AVL e todo setor cultural e político.

Para além da liderança cultural, foi um escritor primoroso, tanto em verso quanto em prosa. Muito tímido para divulgar a própria obra. Neste livro reunimos todos os textos do Presidente Vicente Melo publicados pela AVL seja em livros ou em seu site. A ideia é tornar acessível aos leitores a potência do texto de Vicente. Reunimos poemas, contos, crônicas e resenhas.

O poeta e editor Jean Carlos Gomes oferece-nos uma pequena nota biográfica que mostra o quão gigante foi Vicente Melo.

Começamos apresentando os magníficos poemas, frutos de uma erudição extraordinária e sensibilidade a flor da pele que este grande ser humano deixou como legado. Todos os cinco poemas são de imenso valor literário. Destaco, contudo, “Instante”, que aponta para efemeridade da vida e nos lembra o quão cedo ele nos deixou. Além disso, ensina-nos que só temos o agora para buscar o que realmente importa na vida.

Na prosa temos contos, crônicas e resenhas. Destaco os ensaios “Volta Redonda, 65 anos” e “A expressão da AVL”, além



do conto “O lambari que pensa”. No ensaio sobre Volta Redonda, vemos a sua relação com a cidade onde nasceu: amor e comprometimento. Já sobre a expressão da AVL, indica-nos um caminho a ser buscado como instituição cultural e literária. No conto, uma construção bem-humorada, próprio do autor, muito rebuscada e cheia de significados, que faz a nós, humanos, pensar. Um texto que traz a assinatura dos grandes mestres.

Esses fragmentos dão uma ideia da grandeza de sua obra. Vicente nos deixou uma semente de esperança e leveza. Sementes que já deram tantos frutos. A nós, seus confrades e amigos, cabe-nos fazê-las germinar e continuar produzindo frutos. Eis a dimensão da imortalidade de Vicente Melo e sua obra.

Volta Redonda, março de 2022

**José Huguenin**  
***Presidente da AVL***  
***2022-2023***

# UMA SEMENTE

De: José Huguenin

Para: Vicente Melo

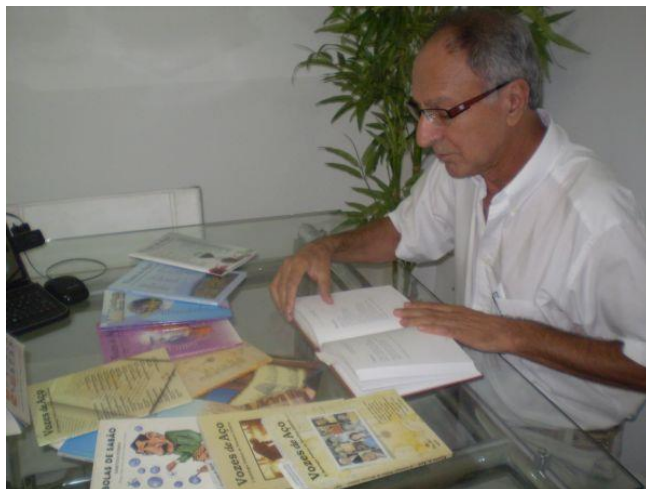
Uma semente,  
chamada Vicente,  
brotou e  
fez florescer  
história e arte  
em toda parte  
da cidade do aço  
que também se tornou  
do teatro,  
da música,  
da informação,  
da luta,  
da literatura,  
dos movimentos  
de cultura,  
cuja chama jamais apagará.  
Uma semente  
chamada Vicente

se transformou em  
árvore frondosa  
acolhedora,  
talentosa,  
esperançosa  
da vida vindoura.

Uma semente,  
chamada Vicente  
polinizou,  
espalhou  
inúmeras outras  
sementes  
fazendo de sua missão  
inúmeros Vicentes  
que carregam  
seu amor a vida,  
seu amor à natureza  
seu amor ao outro  
em cada coração.

VR, 05/9/2021

## Vicente Melo: "Vejo inabalável a nossa relação com o livro"\*



(Fotos: PoeArt Editora)

\* Material Publicado na coluna  
Literatura & Cia do Portal Olho Vivo.  
Notas biográficas organizadas  
pelo escritor, editor e acadêmico  
Jean Carlos Gomes

Nasceu em 19 de julho de 1945, em Volta Redonda, residiu boa parte de sua vida no bairro Conforto. Jornalista, publicitário e poeta, trabalhou quase 30 anos na CSN, até se aposentar. Atuou na promoção da cultura, privilegiando a informação cultural e o inebrio artístico como expressões políticas essenciais ao

desenvolvimento. Fez teatro nas décadas de 60 e 70. No início dos anos 80, foi presidente do GACEMSS (Grêmio Artístico e Cultural Edmundo de Macedo Soares e Silva), quando abriu o teatro, galeria de arte, cineclube, implantou cursos artísticos e diversas outras atividades culturais. Escreveu em jornais da região. Trabalha com publicidade e sempre arranja tempo para incentivar o fazer cultural ao seu alcance, com entusiasmo de quem segura o leme do desenvolvimento. O fascínio, o grande feito, segundo ele, está em participar de uma obra capaz de promover um bem imaterial relevante que possa ser apropriado por todos. Ocupou a cadeira nº 20 da AVL (Academia Volta-redondense de Letras), cujo patrono é José Luiz de Oliveira. Sendo Secretário e Vice-Presidente. Faleceu em 31 de julho de 2021 no exercício do mandato (2020 – 2021).

Trabalhou na Fundação de Cultura de Barra Mansa, onde implantou o projeto Teatro nas Escolas que, em 2012, contava com cerca de 500 alunos, alcançando todos os colégios do município que têm o segundo segmento do ensino fundamental, 6º ao 9º ano.

Além das ações de incentivo e fortalecimento das iniciativas do setor, movimentou a comunidade cultural de Barra Mansa, no sentido de promover a adesão do município ao SNC (Sistema Nacional de Cultura). Em suas palavras, "uma proposta alvissareira, porém, com todos os complexos ingredientes para

ser efetivado, uma vez que implica, necessariamente, a participação social na formulação e execução da política cultural da cidade". Para isso realizou três fóruns e uma conferência, induzindo práticas participativas que concluíram com a adesão de Barra Mansa ao SNC.

Com estreita participação no processo, foi indicado, pela Conferência Regional em 2009, para participar do GCE (Grupo de Coordenação Estadual) do Plano Estadual de Cultura, representando o poder público do Médio Paraíba.

Teve participação primordial no livro *IV Coletânea Século XXI* – Edição 2013 (da PoeArt Editora de Volta Redonda), que homenageou a poeta de renome internacional Olga Savary pelos seus 80 anos de vida, em 2013, inclusive indo à Universidade Federal do Pará, em Belém, representar a homenageada e falando da *Homenagem (Homenageada)* a convite.

Participou de inúmeras entrevistas, colaborações em jornais e diferentes veículos de comunicação de Volta Redonda e adjacências deixando um legado pelo seu jeito peculiar de se comunicar, conquistar, entreter e promover ideias e união entre todos. Esteve praticamente em todos os livros publicados pela PoeArt de 2006 a 2021, sendo membro do Conselho Editorial, Comissão Avaliadora e Assessoria Editorial e deixando sua marca registrada não só em inúmeros impressos, mas também em nossos corações saudosos.

VERSO





# POESIS

Mais que o saber empírico  
que amplia a capacidade,  
a poesia é o prazer onírico  
que promove a humanidade.

# CONTEMPORANDO

Nós somos o todo: a visão, emoção e razão  
do início ao fim que, aliás, inventamos,  
como pequenos deuses entre nossos sins e nãoos.

Aliás, muito aliás, se bem me lembro  
Cantamos por todo canto, em toda fala ou brado,  
escrito ou explicado, o que foi mal feito  
e o que virá, sonho, nosso medo do presente,  
do espelho reinventado, lapidado e maquiado,

Mas a Divindade esta lá: A culpa, o pretexto e a desculpa.  
Fingimos que é só isso que nos destrói e constrói:  
Um sobe e desce que nunca aparece  
e depois de tentar e brincar, tantas vezes transferir,  
vem um peso oculto ocupar o seu lugar, como dói.

Se não somos os tolos da visão, emoção e razão,  
por que acabar como sabão?  
É só quebrar o espelho e dobrar a esquina da quarta dimensão.

# ESTAÇÃO MULHER

(Um brinde à primavera)

Uma nova estação não muda apenas a paisagem e o clima. Altera  
| o comportamento.

E é exatamente agora, neste doce viver da primavera,  
que as mulheres esbanjam o charmoso frescor da feminilidade.  
Sensíveis, trocam de cores, de jeito, de olhar.

A pele se desnuda alva para colher o viço do sol.

Os gestos tornam-se naturalmente desinibidos e magnânimos  
Para dissimular a exuberância da sensualidade.

Neste início de primavera, as flores matizam campos e jardins,  
os pássaros, ruidosos, formam seus ninhos sob o delicado sol das  
| manhãs.

As mulheres, cabelos molhados, maquiagens leves e vestes livres,  
denotam um tom asséptico em seu caminhar suave e decidido,  
como se o tempo fosse só de manhãs.

As janelas se abrem cedo, as plantas vicejam  
o tônico do favônio que colore o ar  
de nuances inesperadas.

Nos lábios o otimismo desenha  
o prazer com brandura.

Olhos transparentes  
e bocas puras povoam o espaço.

Sorve-se por todo canto o perfume de mulher. É primavera.

A fortaleza do belo. O vigor da serenidade. A Estação Mulher.

Um tempo feminino que recicla em nós a necessidade de  
magnificar a existência.

# INSTANTE

Só tenho hoje para ouvir a canção esquecida  
que me elucida e torna o dia santo,  
para a mais elevada oração doar.

Só tenho agora para pensar se vivo,  
se vou, se acontece a parte do sonho,  
onde quer o coração chegar.

Neste instante mágico em que toda vida ocorre,  
corro pro canto, depois pro centro,  
com intensa emoção e medo de acabar.

# EXISTENCIANDO

O tempo é tardio, a umidade pouca,  
a garganta seca e a indiferença globalizada;  
os olhares baixos, a verdade aos pedaços,  
o horizonte ofuscado e a vontade rouca.  
O caminho longo amplia a dúvida,  
diminui a música e aumenta a dívida.

Tenho um querer que ainda busco  
entre os laços e nós de minha identidade.  
Na verdade o tempo ido contempla-me  
com a mais singular serenidade,  
e toca no limiar do futuro do pretérito,  
removendo os percalços com o mérito  
de abrir caminho para a eternidade.

# PROSA



## VOLTA REDONDA, 65 ANOS

Publicado no livro  
“Canto à minha cidade” \*

Ao comemorar 65 anos Volta Redonda vive uma fase de reconstrução de uma identidade que inaugure o novo caminho que está sendo obrigada a trilhar, desde que foi frontalmente atacada e descaracterizada, com a privatização da matriz de sua identidade. Desde que sentiu diluída a substância original de sua identidade, passou a buscar novos caminhos, a partir de seu potencial e experiência. Afinal, Volta Redonda nasceu sob a égide da modernidade ao inaugurar o processo da industrialização brasileira. Sempre respirou novidades e inspirou desenvolvimento, não apenas no sentido de sediar e fazer progredir novas tecnologias, negócios e interlocuções, como no sentido de amparar os seus habitantes.

Sim. Uma vez que foi projetada para dar certo, incluiu todos os envolvidos e não apenas os personagens principais ou importantes.



Cada trabalhador que veio participar da construção e depois da operação da Companhia Siderúrgica Nacional, não apenas se sentia, como de fato era parte do projeto em condição de igualdade com todos os demais. Assim, o amparo aos trabalhadores e suas famílias foi condição sine qua non para o êxito do projeto. Essa cultura teve um significado especial para transformar aqueles pioneiros e se incluiu substantivamente na formação da primeira geração de volta-redondenses. Entender que para dar certo todos devem ter, não apenas direito, mas garantia de acesso à moradia, saúde, educação e demais requisitos para a boa formação e dignidade, era experimentar um paradigma que se inaugurava como modelo para um país que investia em seu crescimento e independência. Tal paradigma incluía ainda a vivência em uma cidade especialmente projetada para salvaguardar a qualidade de vida dos habitantes e fomentar as melhores resultantes de um desenvolvimento social com segurança e equilíbrio. Desde o nascimento todo volta-redondense tinha acesso a assistência qualificada, que incluía, além de alimentação, saúde e educação, opções de recreação, cultura e formação profissional.

Os investimentos e iniciativas em todos os setores se subordinavam a essa cultura dominante que ampliava a qualidade e exigia contextualização com as expectativas dos moradores da cidade modelo que se construía. Os eventos-cívicos, religiosos, esportivos, culturais eram parte do processo de integração que

incluía aculturação de tanta gente vinda de tantos lugares do país e que foi chamada para criar o núcleo de uma nova categoria de trabalhador no Brasil, a dos industriários. Essas pessoas vieram de realidades diferentes do país agrícola e, a grande maioria, com origem na agricultura familiar.

Muitos não conheciam uma cidade, as instalações e recursos urbanos, e começaram a conviver em uma comunidade intensa, plural, ampliada. Aprender essa nova vivência foi mais fácil em função do amparo e proteção coletiva que fortaleceu a expectativa de melhorias e o orgulho de fazer parte desse significativo passo do progresso do país. Tal status era frequentemente revigorado pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, que exaltava o orgulho brasileiro com a nova Siderurgia Nacional, que era mantida pelo novo trabalhador brasileiro. Com proteção, trabalho, habilitação e a intensa assimilação de novos conhecimentos a cidade cresceu e consolidou a seu perfil de Cidade do Aço com muito orgulho. “Um laboratório humano que deu certo”, como constatou o Mestre Waldyr Bedê. Não contávamos que o protagonismo do “mercado” poderia ser uma ameaça ao verdadeiro desenvolvimento, que é a proteção e o desenvolvimento das pessoas. O tempo passou e uma nova realidade começou a desmontar aquele princípio que substanciou qualitativamente a formação dessa nova sociedade. A relação da empresa com a cidade e com seus empregados começou a sofrer um esvaziamento desde os anos 70,

culminando com a privatização da empresa e o consequente rompimento do compromisso com o bem-estar social. A partir daí a cidade não conseguiu restabelecer uma relação edificante com a empresa e passou a sofrer a perda de substância identitária, além do desemprego e demais privações econômicas. Nas décadas seguintes a cidade passou a sofrer o dia a dia dessas mudanças, desde as descaracterizações urbanas, passando pela perda da rede de amparo até a busca de uma nova vivência cultural, ante o desaparecimento do norte orientador demandado pela empresa. Assim começaram os ensaios de renascimento a partir de outras potencialidades que germinaram aqui e ali, porque, além da grande empresa, aqui se fez uma cidade que agora precisa renascer. Os setores de comércio e serviços buscam se fortalecer, enquanto os volta-redondenses buscam o novo sentido orientador de seu desenvolvimento. Por nascer sob uma atividade altamente poluidora, a cidade já desfrutou de índices essenciais para a qualidade de vida dos habitantes, como a mais arborizada e a que mais intensamente fazia uso da bicicleta como meio de transporte. Como o desenvolvimento é sinônimo de consumo independente das consequências, a cidade hoje é um estacionamento. O cidadão tem dificuldade de se identificar com a cidade, enquanto o veículo vem recebendo cada dia mais atenção. As pessoas encontram dificuldades em caminhar pelas calçadas porque elas coexistem na área urbana como uma circunstância histórica. Carecemos, com

urgência, de uma mobilidade urbana que resgate a cidade para os cidadãos. O mais importante, porém, será a consolidação da nova identidade, que não poderá prescindir dos valores do passado e muito dos seus ingredientes. Afinal Volta Redonda é a única cidade industrial construída nos moldes propostos por urbanistas no século passado. Não há como apagar a história e recomeçar do zero. Precisamos saber de onde viemos para saber aonde vamos. Não devemos abrir mão da Cidade do Aço. Precisamos fortalecer os nossos sonhos com a mesma ousadia dos precursores que inauguraram aqui a industrialização brasileira, iluminar o novo caminho e amparar absolutamente todos os cidadãos na construção desse novo futuro.

\*Do livro Canto a Volta Redonda (poesias e fotos) da PoeArt editora de 2020.

# A EXPRESSÃO DA AVL

Apresentação da primeira  
antologia Prosa & Verso da AVL  
(2015)

A Academia Volta-redondense de Letras (AVL) comemora dez anos de fundação neste ano de 2015 e marca a efeméride com esta antologia dos acadêmicos. É a forma como a instituição mostra o seu corpo, sua razão de ser. A academia é formada por poetas e escritores que produzem os seus trabalhos e os publicam orientados por seus objetivos, mas desta vez juntamo-nos para o exercício de oficializar a instituição acadêmica.

Os objetivos de uma instituição como a AVL transcendem o fortalecimento da literatura e dos que a praticam. O fomento da cultura enquanto essência civilizatória encerra o pano de fundo da modalidade artística e cultural que é a literatura que, por sua vez retrata semiologicamente as buscas, ansiedades, consecuições e significâncias. É do homem continuar andando para cultivar o seu desígnio de ser melhor a cada passo.

Identificamo-nos com a linguagem literária para aprender, vivenciar experiências que se debatem em nossas contestações e aceitações, resultando em novas convicções e na ampliação da consciência que, por sua vez, reorienta as buscas sistemicamente, como se o todo estivesse ao nosso alcance ali adiante...e talvez esteja mesmo.

Agrupar o trabalho dos diversos acadêmicos, suas versões de nossa diversidade, através da manifestação crítica que encerra os múltiplos olhares, é o exercício primordial da academia. A disseminação da expressão literária alcançará as preferências, seus objetivos e demais circunstâncias.

Por certo o leitor encontrará a arte poética, o conto da esperança, a crítica à mazela, a crônica educativa, a invocação do bem e a execração do mal, mas, sobretudo o desenho e redesenho de um caminho belo que trazemos latente e que nos moverá eternamente para o sentido da luz.

# O LAMBARI QUE PENSA

Conto

Não era certa a hora do cardume descer o rio para a caçada costumeira, mas quando as águas do grande rio se enegreciam, os pequenos peixes fugiam para suas tocas, dando lugar à avalanche carnívora. Aquele que porventura se descuidasse na área perigosa, arriscava-se a ser devorado avidamente pelas bocarras aquáticas.

Mesmo os animais de maior porte tinham o seu declarado respeito ao cardume e nenhum deixava de certificar-se da hora do perigo. O rio parecia trazer uma nuvem escura, as águas se apresentavam trêmulas e, ao longe, o estranho estardalhaço era ouvido com repetido pavor. Todos paravam para esperar, timidamente, a passagem das piranhas gigantes. Até que o cardume passasse ninguém ousava transpor o proscênio do formidável espetáculo. Ficavam atentos e concentrados na segurança até que o perigo desaparecesse completamente. As piranhas sempre iam e eles sempre saíam tranquilos, a piruetar

entre as algas e pedras nas águas lípidas e frescas do grande rio.

Dentre a miúda sociedade – acarás, lambaris, mandis e outros – nenhum se destacava por sua coragem ou espírito de aventura; muito pelo contrário, todos procuravam a maior segurança

A rotina na vida do grande rio já era muito conhecida por todos os habitantes. Os pequenos peixes escondiam-se nas tocas e mal viam alguma imagem na escuridão das águas tomadas pelos monstros. Depois que passava a maioria, punham-se a observar as piranhas, que devagar iam cortando mais melodicamente as águas e aproveitando melhor o espaço.

Depois de bem acostumados com as operações de segurança, os peixinhos já não tinham tanto medo e estavam familiarizados com a fúria das piranhas e... até que aquelas últimas não eram tão ferozes, pareciam tranquilas e nem se preocupavam tanto com a caçada. Aliás, os peixinhos já estavam mesmo fazendo juízo diferente daquelas últimas e mais calmas piranhas.

Certa vez, depois que o cardume rompeu a área perigosa para os peixinhos, esses ficaram a observar as retardatárias, que eram mais despreocupadas, e intrigaram-se com isso. Um pequeno lambari que olhava atento o comportamento do grande aquático que se afastava cada vez mais do cardume resolveu, depois de tudo normalizado, subir o rio um pouco para ver o que estava acontecendo com aquela solitária piranha.



Lá se foi. Seu medo constante freava o seu desejo de alcançar o monstro; porém, a sua curiosidade ia vencendo o campo da dúvida. Pensava mil coisas e ia cortando as águas mais devagar ou mais rapidamente, tocado pela instabilidade da realização de sonho em cenário tão adverso.

- Quem sabe ela ficou doente e não conseguia prosseguir junto das outras? Quem sabe ela resolveu abandonar o grupo das colegas assassinas? Ou seria um exemplar diferente que não devorava peixes menores?

Tudo podia ser. Tudo é possível.

- Mas, o mais certo é que ela devia estar doente e precisava de ajuda! - pensando, o brilhoso lambari corria rio acima. - Eu sabia que aquelas últimas não eram tão ferozes como as do cardume!

Enquanto aprontava para si as justificativas necessárias para não voltar, continuava nadando já em águas desconhecidas. Embora em sua preocupação não tivesse tempo para observar os terrenos desconhecidos, de repente, sentiu-se só e observou que nenhum outro peixinho estava fora de sua toca. Por um instante sentiu muito medo, mas como nada acontecera até ali, voltou a se perder nos ideais de alcançar o objetivo sonhado: encontrar a piranha que, além de parecer a mais simpática de todas, deveria estar necessitando de ajuda de um outro peixe de boa vontade... e continuou.

Seu desejo de associar-se ao meio dos grandes peixes era mais forte que o medo e sentiu-se o mais audaz dos aquáticos e o mais corajoso ser do planeta. De súbito, lançou-se contra a correnteza. Encontraria a piranha que todos temiam porque não compreendiam o mundo e ele, um pequeno lambari, ia estabelecer o diálogo entre os dois mais diferentes mundos. Quanto maior a velocidade que conseguia imprimir, mais importante se sentia e mais corajoso se tornava.

De repente, sentiu alguma coisa estranha na água: era a piranha que passeava entre algumas pedras. Aproximou-se e em alto e bom tom explicativo, investiu-se de representante dos pequenos, completamente convencido de todo o mal entendido que até então existiu entre as piranhas e os demais peixes, e que ele estava ali como representante de todos os peixinhos do rio para um diálogo que poria fim à era de terror e estabeleceria a paz.

Realmente, a piranha era diferente das demais, não seguia o grupo e nem se admirou da aproximação do lambari número um daquelas paragens. E o minúsculo herói continuou:

- Eu reconheço que até agora não houve razão para a paz, pois ninguém trabalhou para conquistá-la. Mas, eu quero deixar bem claro que não há necessidade disso tudo, ninguém precisa fugir de ninguém. Nas águas do grande rio há espaço e alimento para todos...

## CAMINHANDO

Crônica (1984)

Ser, ter, eis a questão.

O que faz um filho do tempo ante as singularidades e abrangência do amor, por um lado, se são esses atributos que nos aliciam a alma para uma caminhada até a próxima sombra, e de outro, o conforto resignado de um torpor alegremente igual e seguro de que nada lhe afetará em seu ninho, em seu mundo?

Viver, cantar e sonhar somente? Ou viver, amar e sofrer de repente?

Não é próprio do filho da lua abrir mão de sua mística e escrachar-se abertamente como quem abre o peito e deixa ver o coração. Antes rompe com os seus segredos e sofre o não ir para não cair na correnteza da felicidade que traz no bojo os tributos da contrapartida.

Mas vagam os filhos da lua como quem navega na rua nua a procura do que não quer encontrar.

Viver, sonhar e, quem sabe, amar.

Em nuances cálidas ao som de um concerto de violinos, voa, pontificando o belo como um albatroz feliz com o som, o tudo, o nada, o ser e voar. Habita no mais íntimo do seu ser a intriga do deixar-se, o medo do sentir, do sentir-se e agora como um cão vadio volta para a vida vivida e sabe que sendo história não apresenta surpresas e pode ser bebida sem receio e espasmasse.

- Ó fruto do bem que singra os ares por tão perto, chega..., chega ainda mais, experimente esse filho da rua que a luz encontrou. Aproxime-se, assas do ir, e carregue para a via escarlate e bela esse ente desgarrado. E depois, sombra da lua, proteja esse nativo da escuridão da dúvida e dê-lhe o caminho harmônico e inconfundível da música. Ele viajará na janela para encantar o seu segredo num crescendo levar-se de um sonho que nunca chegou a existir, mas passa a se realizar na medida em que é possível conferir a sua verdade.

- Ó gênio da controvérsia, recolha-se à travessa miúda da temperança e exorcize a sua vocação de lutador. Não exaspere o templo da magnanimidade que flui à tua frente como um altar. Rebusque as águas que correm e deixe nelas a poção insidiosa da desesperança. E quando um filho da lua se aproximar crepitando nas algemas de suas vontades, afague-o com carinho e não interceda em sua caminhada. Ele acredita em seus passos e trejeitos

para domar os obstáculos que surgem aqui e ali no universo desse andarilho de si, o eterno acompanhante, para romper mais e mais estradas, levado por uma confortável vontade de que basta vencer o tempo, seja qual for o caminho.

# ILUMINAR ESQUINAS

Crônica (2017)

A indefinição do todo se agiganta e leva a nossa razão. Desacompanhado de nossas vicissitudes nem sabemos mais usar o amor. Estaríamos condenados a manter as aparências durante toda a vida para morrermos elegantes?

As contingências levam a buscas nunca previstas ou pensadas, afinal, somos condicionados pelas nossas circunstâncias que se alteram ao sabor de pretextos alheios que se aproveitam das curvas e sombras para se imiscuírem dissimuladamente em nosso cenário. Mais parece aquela resultante do nosso condicionamento cultural defeituoso, que nos leva a sobrepujar o outro como um compromisso existencial.

Ora, tão perecível é tudo isso, quando comparamos com outros momentos, alguns deles excepcionais, como ouvir a

Bachiana nº 5 de Villa Lobos. Vivenciamos a alegria ampla, o amor intenso, a tristeza profunda e toda a grandeza humana substantiada, integralizada, como se tivéssemos encontrado todo o bem existencial.

Qual o quê! É quase indizível o medo que subjaz a existência e chega a ser dor quando enfrentamos a realidade através dos lampejos de razão que clareiam o nosso sentido. Nos momentos em que a vulnerabilidade existencial se amplia, parece tomar conta de tudo. Para nos livrarmos desse axioma perverso, a única saída é reduzir tudo a zero e em nova tábula rasa, recomeçar com um novo primeiro pensamento. Não raro, partimos daí interpretando um novo personagem. Dependendo do momento, o personagem terá um perfil nobre, de ouvinte paciente e acolhedor. Em outra ocasião surge um revolucionário a retrabalhar sua sanha contra a mística do poder instituído no sentido de romper a ordem, para descortinar a liberdade que dormita em nossa alma e que precisa ser experimentada, exercitada e aprendida para assegurar sentido e plenitude à existência.

O exercício mais saboroso e engrandecedor, no entanto, é aquele que nos permite aprender mais. É o personagem silencioso e observador que vai buscando o sentido da fala de cada um e se preservando das batalhas promovidas pelos pensamentos e ruídos que se misturam num confronto de sentidos, independente das consequências, inclusive quando nos afetam, porque

aproveitaremos para expor as mazelas humanas com o nosso exemplo e, ao contrário da guerra de razões, temos a chance de iluminar essa passagem e ampliar as ações beneficentes, igualmente como exemplo de afirmação da viabilidade da convivência sem submissões.

Quando conseguimos seguir o caminho da luz, o espasmo, ao invés de dor, é a manifestação do ânimo. Então vislumbramos a quietude que se alarga benfazeja, quanto mais nos conscientizamos que a maior aventura é interior. É quando sossega a busca e passamos a cultivar a dimensão de um esplendor que prospera no campo espiritual, estende a nossa consciência sobre valores que despertam e misturam sonhos impossíveis com possibilidades palpáveis. É como se abrissemos uma cortina e deixássemos que a luz chegasse àquele campo ainda não experimentado. Então somos tomados da consciência de que assim podemos fazer em todos os lugares, eliminando todos os obstáculos, iluminando as dúvidas das esquinas, quando acreditamos que, ao avançar, vamos empreender o bem maior que inclui todas as pessoas e possibilidades.



# POESIA PARA EXPERIMENTAR

Resenha do Livro Experimentos poéticos,  
de José Huguenin (2016)

O caminho é buscar a forma certa de dizer. Sempre buscamos a palavra precisa para a oração correta ao expressar um sentimento indizível e nunca nos satisfazemos. As palavras parecem esconder entre a técnica do símbolo, a lógica das sílabas e a arte da escrita, justamente o ponto de ouro de nossa demanda emocional. Então, os apreciadores da língua se deliciam, os demais experimentam a ousadia dos novos caminhos e os poetas, em calafrios, percebem a intensidade da busca e se perdem em novas experimentações pelas infinitas possibilidades de traduzir em código os sonhos, visões, sensações e demais fortunas e vicissitudes humanas.

Acredito ser essa a procura maior de quem se põe a escrever e me encantei ao ver que José Huguenin a encontrou no exer-

cício de “*Experimentos Poéticos*”, seu último livro, lançado dia 02/12/2016. Um experimento, aliás, servido generosamente como exercício a quem vive em meio aos ajustes das palavras como forma de expor as suas singularidades. Ao folhear o seu novo livro podemos experimentar novas aplicações para as palavras, como, por exemplo, substituir lajotas, escorrer pela correnteza, levar-nos para o fundo ou emergir no espaço em luta com a gravidade. Ora cortando afiada, ora suspirando, sussurrando, transformando-se em árvores em defesa da natureza, desenhando o universo e muitas vezes fingindo passear tranquila enquanto deixa dissipar a intensidade de suas dúvidas e dores existenciais.

“*Experimentos Poéticos*” do Acadêmico José Huguenin é mais que poesia, é a exposição sincera de circunstâncias a nos revelar valores, possibilidades, estigmas e as limitações individuais e coletivas que afligem os seres humanos. É o manifesto das inconformidades na conjunção razão-emoção no painel incessante do tempo. Além de expor, sua poesia nos mostra o caminho feito pelo autor para chegar até ali. O autor ainda nos brinda com homenagens a dois grandes expoentes de nossa poesia, poetiza lembranças inocentes, dramas congruentes, paixões envolventes e suas circunstâncias para além dos poetas. Uma bela experimentação caminhar pelo labirinto de formas e dramas pungentes desse consistente poeta.



Academia Volta-redondense de Letras

[www.avl.org.br](http://www.avl.org.br)

[contato@avl.org.br](mailto:contato@avl.org.br)